

7.05.05 – HISTÓRIA DO BRASIL

SOB OUTROS OLHARES – RERESENTAÇÕES DOS SERTÕES NOS RELATOS DE VIAJANTES ESTRANGEIROS NO BRASIL OITOCENTISTA.

João Pedro Xavier Pereira¹, Jenifer Caroline Costa Araújo¹, José Elder Guimarães Júnior¹, Nathan Augusto Tibo de Barros¹, Rizia Mirele Fernandes Xavier¹, Paulo Emanuel Bezerra S. Silva¹, Roney Robson Baliza Torres²

1. Estudantes do Colégio Pequeno Príncipe.
2. Orientador; Colégio Pequeno Príncipe.

Resumo:

Este trabalho de pesquisa visa lançar um novo olhar sobre os sertões da Bahia e Minas Gerais. O imaginário popular tem, quase sempre, representado o sertanejo como pobre, de hábitos rústicos e isolado do mundo “civilizado”. A fauna/flora sertanejas também são vistas como pobres, sofridas e desprovidas de beleza. A economia, por sua vez, é apresentada como simplória e destituída de dinamismo. A historiografia clássica baiana concentrou-se sobre Salvador e Recôncavo baiano, ignorando os sertões e, quando dele trata, pouco foge a esta regra. Este trabalho, baseado na leitura de relatos de viagem de famosos cientistas europeus como Spix & Martius, Saint-Hilaire e John Mawe visa apresentar outro sertão, visto por outros olhos. Os objetivos do trabalho são identificar os hábitos sertanejos que mais chamaram a atenção dos viajantes, perceber como o europeu representa os sertanejos, seus hábitos e a economia local e comparar estes dados com o que já foi escrito sobre a região.

Palavras-chave: viajantes estrangeiros; alto sertão; naturalistas;

Apoio financeiro: Colégio Pequeno Príncipe

Introdução:

A corte portuguesa mudou-se para o Brasil em 1808. Além de cuidar dos assuntos de ordem administrativa e econômica, D. João VI, buscou promover o desenvolvimento cultural no país. Para tanto, buscou promover a vinda de importantes artistas europeus, como Taunay, Rugendas e Debret, que retrataram o cotidiano do Rio de Janeiro no início do século XIX. Neste contexto, foram criadas a Academia de Belas Artes, o Teatro Real, a Biblioteca Real e outras instituições. As medidas de ordem cultural abriram o interior do Brasil, até então isolado e desconhecido, à curiosidade científica. O Brasil passou, então, a receber a visita de naturalistas. Nesse

contexto, vieram para cá o mineralogista britânico John Mawe, o botânico Carl Von Martius, o zoólogo Johann Baptist Von Spix (ambos bávaros), e os naturalistas franceses Auguste de Saint-Hilaire e Alcides d'Orbigny. Posteriormente, brasileiros também organizaram expedições ao interior do país. Entre eles, destacamos o geógrafo Theodoro Sampaio e o militar Durval Vieira de Aguiar.

Os viajantes passaram por uma região denominada alto sertão, que envolve a Bahia e o sul de Minas Gerais, e pelas regiões mineradoras destas províncias. Nos relatos há informações riquíssimas sobre o relevo, sobre as características naturais (fauna, flora, mineralogia), sobre como as comunidades sertanejas se organizavam economicamente, sobre costumes e formas de sociabilidade. Os relatos são díspares, sobretudo nas questões relacionadas à cultura e às formas de sociabilidade. Estas são impressões são mais subjetivas e envolvem juízos de valor e códigos morais, ao contrário das descrições de vegetais ou de relevos. Saint-Hilaire, por exemplo, apresenta-nos um povo sem polidez, sem ocupações intelectuais, afeito ao jogo e aos prazeres da carne. Sugere, inclusive que a voluptuosidade do sertanejo seja fruto do calor. Aguiar, em contrapartida, ao falar sobre uma das cidades (Caetité) apresenta-nos sertanejos cultos, polidos e chega a chamar a sociedade de “corte do sertão”. Todos estes relatos preenchem lacunas deixadas pela historiografia baiana, concentrada apenas na capital e nas suas redondezas.

Com a leitura dessas obras buscamos identificar os hábitos que mais chamaram a atenção dos viajantes, perceber como o europeu representa os sertanejos, seus hábitos e a economia local e comparar estes dados com o que já foi escrito sobre a região.

Metodologia:

Para este trabalho, utilizamos o método histórico-descritivo. O trabalho de pesquisa foi realizado em quatro fases. A primeira fase,

constituiu-se na leitura sobre a metodologia para o trabalho com fontes escritas e leitura de obras já publicadas sobre a região, sobretudo, a região denominada de alto sertão da Bahia. Esse contingente reúne obras consagradas pela historiografia baiana, assim como obras escritas por memorialistas. Esta primeira fase nos levou a conhecer um pouco do que se pensava e do que foi escrito sobre a região em questão. A segunda fase, foi marcada pela pesquisa em arquivos públicos. Foram visitados os Arquivos Públicos das cidades de Caetité e de Rio de Contas, ambas na Bahia. Foram analisadas escrituras, documentos de posses, atas de reuniões das Câmaras municipais, cartas trocadas entre sertanejos da elite caetiteense e parentes domiciliados na capital da província, etc. A terceira fase, constituiu-se da leitura dos diários/relatos de viagem escritos por viajantes estrangeiros que passaram pelos sertões da Bahia e Minas Gerais. Cada pesquisador se dedicou a fazer a leitura do relato de algum viajante e identificar suas impressões dentro das nossas zonas de interesse: economia local, geografia (relevo/fauna/flora), formas de sociabilidade e as impressões pessoais de cada cronista. Na quarta fase, foi feita a catalogação das informações, o cruzamento das mesmas com as informações encontradas na historiografia e a produção de texto.

Resultados e Discussão:

A socialização dos resultados da pesquisa após as leituras dos relatos promoveu uma discussão fecunda sobre o que se tem produzido pela historiografia baiana sobre o alto sertão. A historiografia clássica apresenta os sertões como regiões isoladas, inacessíveis, periféricas, perdidos no meio do nada, com uma economia empobrecida e totalmente dependente da capital da província, a cidade de Salvador. Os relatos, juntamente com as fontes observadas nos arquivos, nos permitem discordar. Os documentos de compra e venda de escravos, os livros-razão das fazendas e correspondências de elementos da elite caetiteense, por exemplo, demonstram que, mesmo com a distância dos grandes centros urbanos do país, a região apresentava uma economia dinâmica. Apesar das dificuldades de locomoção e do clima árido, eram produzidos no alto sertão gêneros alimentícios que eram comercializados com regiões longínquas. A pecuária, a cana e o algodão atingiam mercados distantes e demonstraram um dinamismo surpreendente. Montados no lombo de mulas e cavalos, comerciantes tropeiros cruzavam toda a

província da Bahia, jogando por terra a ideia de inacessibilidade e isolamento.

Em relação às questões relacionadas à natureza, geografia e economia local, quase sempre há um consenso que contesta o isolamento. O sertão seco e castigado é apresetado pelos viajantes, mas não só ele. Os relatos revelaram uma flora e um solo ricos. Spix, ao voltar para a Europa, levou consigo cerca de 9 mil espécies de animais e plantas, boa parte dela recolhidos nos sertões. Além das minas de ouro, Aguiar conseguiu identificar outras riquezas no solo da região de Rio de Contas: cristal, ferro, sulfato, soda, clorureto de sódio, alúmen, topázios, nafta e pedras desde o calcário até o mármore. Segundo Aguiar, “o ouro é da melhor qualidade e encontra-se à flor da terra e com pouco trabalho”. Ele mesmo chama a região de “Califónia do Brasil”.

O povo nordestino é sempre apresentado como rústico, faminto, analfabeto e destituído de bons modos, beirando a barbárie. Os relatos dos viajantes, contudo, nos mostram uma região com gente rica receptiva. Theodoro Sampaio diz sobre Caetité: “Caetité apresenta ao viajante um aspecto de cômico do sertão. Há aqui uma boa e culta sociedade, muita urbanidade e delicadeza, na gente do lugar”. Mesmo Saint-Hilaire, o mais crítico de todos acerca dos costumes sertanejos, reconhece que se trata de um povo “bom, caridoso, desinteressado e amigo da paz”. Vindos de uma Europa em processo de modernização e industrialização, não é de se admirar que alguns olhem para os sertões com algum desprezo ou que considerem os sertanejos carentes de “civilização” ou com costumes bárbaros.

Conclusões:

Concluimos que os sertões oitocentistas precisam ser revisitados pela historiografia com um olhar mais aguçado e menos preconceituoso. Os relatos permitiram-nos vislumbrar uma natureza rica, uma população forte, trabalhadora e uma economia dinâmica, pautada na produção do algodão, na pecuária e na cultura da mandioca, de cereais e frutas em geral. Ao contrário do que tudo indica, o alto sertão da Bahia mantinha negócios importantes com a capital da província e com uma parte considerável das vilas em Minas Gerais e que a teoria do isolamento pode ser questionada.

Referências bibliográficas

- VON SPIX, Carl; VON MARTIUS, Johann Baptist. **Através da Bahia**. Salvador: Imprensa oficial do Estado, 1916.
- d'ORBIGNY, Alcide. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- AGUIAR, Durval Vieira de. **Descrições práticas da Província da Bahia**: com declaração de todas as distâncias intermediárias das cidades, vilas e povoações. 2. ed. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1979.
- SAINT-HILAIRE. Auguste. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- MAWE, John. **Viagens ao interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.
- SAMPAIO, Theodoro. **O rio São Francisco e a Chapada Diamantina**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955.